

Memória, paisagem urbana e seus processos de identidade: o caso da Praça Nereu Ramos em Criciúma/SC

Memory, urban landscape and identity processes: the case of Nereu Ramos Square in Criciúma / SC

Grasiele Scarduelli(1); Teresinha Maria Gonçalves(2)

1 Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brasil.

E-mail: grasi.scardu@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1407-0486>

2 Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brasil.

E-mail: teresaakira@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0719-607X>

Revista de Arquitetura IMED, Passo Fundo, vol. 9, n. 1, p. 1-23, Janeiro-Junho, 2020 - ISSN 2318-1109

DOI: <https://doi.org/10.18256/2318-1109.2020.v9i1.3875>

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*

Editora-chefe: Grace Tibério Cardoso

Como citar este artigo / How to cite item: [clique aqui/click here!](#)

Resumo

Dentro do contexto urbano, as praças são consideradas locais de importância vital para as cidades, privilegiando o espaço coletivo e locus das interações sociais. Tendo como ponto de partida uma pesquisa desenvolvida no âmbito da dissertação de mestrado em Ciências Ambientais da primeira autora, o presente estudo possui como tema o espaço público e suas relações de urbanidade. Possui como objeto de pesquisa a Praça Nereu Ramos, considerada a materialização viva de toda a história da população Criciumense. A reflexão proposta possui como objetivo investigar o processo de apropriação do espaço e identidade de lugar da população de Criciúma/SC quanto a importância da preservação dos espaços públicos e paisagem urbana da Praça Nereu Ramos. Tudo isso pela importância em entender os espaços públicos como resultados de um produto social de uma sociedade específica. O estudo possui uma abordagem qualitativa, numa perspectiva da pesquisa social de caráter investigativo, através do reconhecimento da praça como um espaço público. A coleta de dados foi realizada pelas técnicas de observação participante e entrevistas semiestruturadas e analisadas pelas técnicas de análise de conteúdo e conceitos chave. A interpretação dos dados possibilitou entender a importância da preservação dos patrimônios culturais e suas relações com a paisagem urbana na área central da cidade, analisando a percepção da população quanto á sua contribuição para manutenção da identidade e memória cultural. No entanto, a pesquisa nos deixa a pergunta: até que ponto os espaços públicos contribuem para a valorização da vida nas cidades?

Palavras-chave: Espaço Público. Lugar antropológico. Identidade Urbana.

Abstract

Within the urban context, squares are considered places of vital importance to cities, privileging the collective space and locus of social interactions. Taking as a starting point a research developed within the scope of the master's thesis in Environmental Sciences of the first author, the present study has as its theme the public space and its urban relations. The object of research is Praça Nereu Ramos, considered the living materialization of the entire history of the Criciumense population. The proposed reflection aims to investigate the process of appropriation of space and place identity of the population of Criciúma / SC regarding the importance of preserving public spaces and the urban landscape of Praça Nereu Ramos. All this due to the importance of understanding public spaces as the result of a social product of a specific society. The study has a qualitative approach, from an investigative social research perspective, through the recognition of the square as a public space. Data collection was performed using participant observation techniques and semi-structured interviews and analyzed using content analysis techniques and key concepts. The interpretation of the data made it possible to understand the importance of preserving cultural heritage and its relations with the urban landscape in the central area of the city, analyzing the perception of the population regarding their contribution to maintaining cultural identity and memory. However, the research leaves us with the question: to what extent do public spaces contribute to the valorization of life in cities?

Keywords: Public Space. Anthropological Place. Urban Identity.

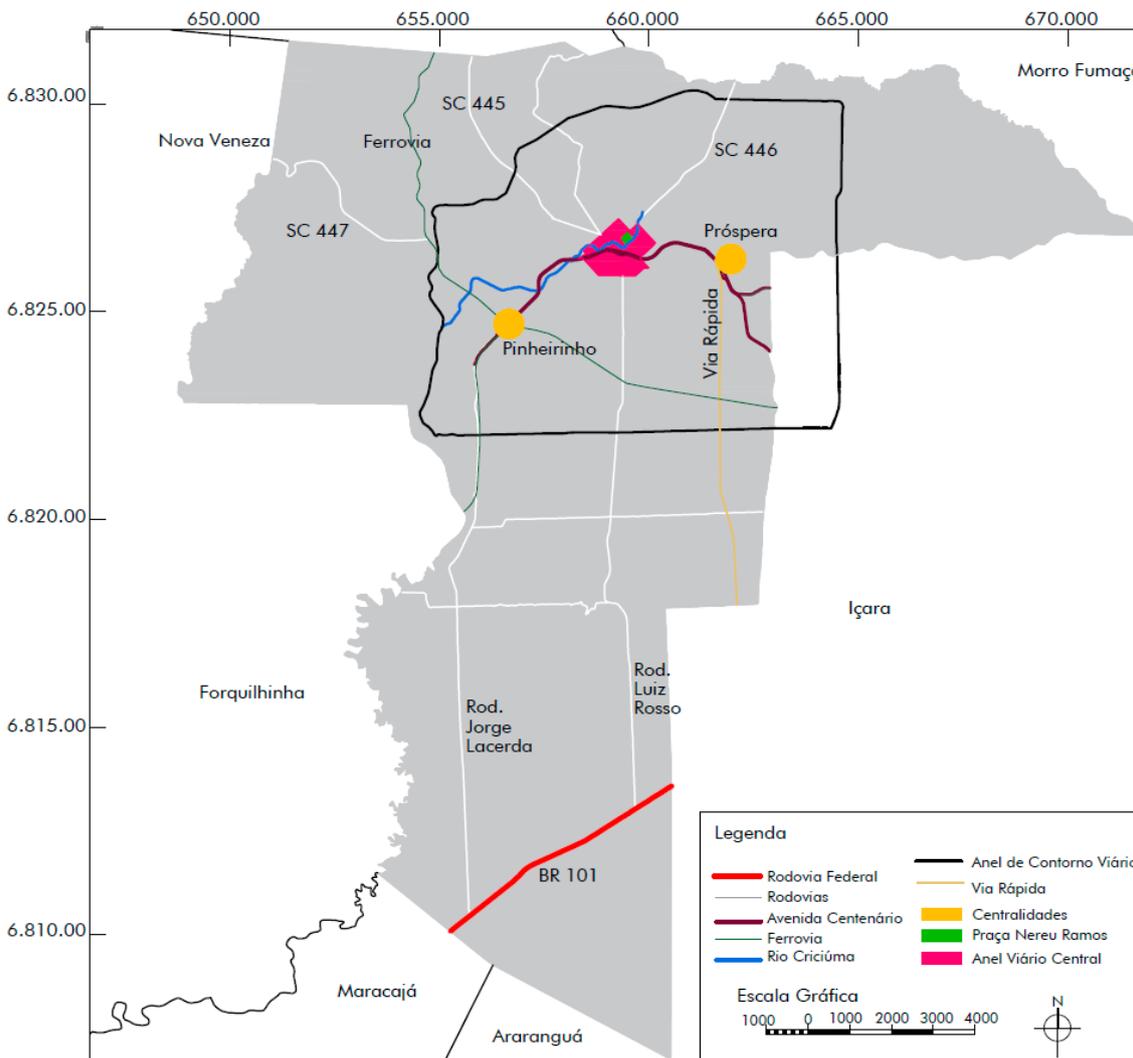
1 Introdução

As praças são locais de importância vital para as cidades. As praças fazem parte do contexto da vida urbana, é nelas que os caminhos se cruzam e que os encontros acontecem. Ela não possui somente importância funcional para o uso de passagem, é onde ocorrem os processos complexos e intensos de memória, de significados, e de reconhecimento pessoal, traduzindo à fruição poética e a identidade dos seus usuários. A praça, que é um ambiente coletivo de múltiplas dimensões, reveste-se de um grande significado. É espaço de lazer, de encontro, de manifestações e de referência da cidade.

A paisagem urbana demonstra as evoluções históricas e sociais que ocorreram ao longo do tempo em um determinado espaço. É através da arquitetura, dos monumentos e das manifestações culturais que ocorrem nos espaços públicos que podemos materializar a história de um lugar. A apropriação de espaços públicos na cidade favorece o aumento da qualidade de vida da sociedade, fomentando a vida coletiva e promovendo “resgate cultural e a valorização do ambiente urbano, construído através das gerações” (BALTHAZAR, 2001, p. 4).

A Praça Nereu Ramos, localizada na área central da cidade de Criciúma/SC (figura 1), é o local de referência para o estudo aqui representado. A motivação para a pesquisa partiu da necessidade do entendimento das relações entre os grupos sociais que frequentam a Praça e o seu espaço físico, verificando seus usos e seus processos de apropriação e identidade urbana. Nesse sentido, o estudo justifica-se na necessidade da compreensão da importância da preservação dos elementos físicos e naturais da paisagem urbana da Praça Nereu Ramos, desempenhando o seu papel histórico e simbólico e integrador das atividades da cidade com a sua população. Promove também uma contribuição para a sociedade e para o meio ambiente urbano por meio da possibilidade de ressignificação desses espaços, podendo contribuir para o fortalecimento do processo de apropriação, do sentimento de pertença e a consequente preservação deles.

Figura 1. Mapa ilustrativo do Município de Criciúma com destaque para a área de estudo



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

2 Metodologia

Este trabalho foi fundamentado como pesquisa qualitativa, e utilizou como método o estudo de caso. Tem como ponto de partida parte da dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). As técnicas de coleta de dados foram a observação participante e entrevistas semiestruturadas. A utilização da técnica de entrevista semiestruturada foi necessária para a compreensão da relação entre os usuários e a paisagem urbana, compreendendo de que forma os usuários se relacionam, se identificam e se apropriam com os espaços físicos da Praça Nereu Ramos.

As entrevistas foram realizadas na praça e nas ruas de seu entorno, em horários e dias distintos durante o mês de outubro de 2019. A amostra foi definida em grupo de 30 pessoas, representando a população do município de Criciúma. Foi utilizada uma

amostragem estratificada, constituída de pessoas que utilizam a praça de diferentes maneiras: 10 usuários, 10 moradores das proximidades e 10 trabalhadores do entorno da Praça. A escolha dos entrevistados não possuía como pré-requisito a faixa etária ou sexo, mas pode-se perceber na tabela 1 a predominância de entrevistados entre a faixa de 20 aos 30 anos, e entre 50 aos 60 anos. Isto se deve ao fato de na Praça ter a presença da maioria destas pessoas, divididas entre os trabalhadores que a utilizam para o descanso do seu intervalo de trabalho, e os aposentados, que a utilizam como forma de encontro.

Tabela 1. Relação entre faixa etária entre os entrevistados

Relação entre faixa etária entre os entrevistados					
Idade	18 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 59	60 a 69
Nº Pessoas	14	2	3	9	2

Fonte: Elaborado pela autora.

A metodologia utilizada para análise dos dados coletados foram as técnicas de análise de conteúdo e análise por conceitos chave. Para Bardin (1979, pág. 42), a análise de conteúdo utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos para obter, a partir dos dados coletados, os “indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens e identificação de componentes conceituais”.

A partir do marco teórico, foi possível identificar os componentes conceituais que fundamentam a pesquisa, auxiliando na compreensão dos parâmetros analisados. Para o reconhecimento do processo de identificação e apropriação de um espaço, foram definidos como palavras chaves os conceitos de identidade de lugar, sentimento de pertença, memória urbana e paisagem urbana.

3 O sujeito e sua identificação e apropriação do espaço

A Psicologia Ambiental segundo Eric Pol (1996) trata da relação do sujeito com seu espaço sócio físico. Trabalhos mais recentes como de Gonçalves (2019), trazem que a dimensão simbólica da subjetividade humana é um fator fundamental para o processo de apropriação do espaço, assim como as emoções e afetividade ambiental. “As emoções podem ser mediadoras da integração da realidade imediata e dos processos imaginativos e do pensamento” (BONFIM; DALABRIDA; FERREIRA, 2018, p. 60). A subjetividade humana, ou seja, o nosso mundo psicológico, é dividido entre as dimensões cognitiva, afetiva, interativa, simbólica e estética. Dessa forma, é através do nosso mundo psicológico que possibilita ao sujeito a construção da sua identidade, seja consigo mesmo, com a sua cultura e com os lugares.

A identidade urbana deriva-se da identidade social. A paisagem, quer arquitetônica, natural e social compõe esse repertório da vida urbana. Os lugares são

criados pelas pessoas no espaço urbano. Sansot (1976), diz que só podemos apropriar-nos da cidade pelas implicações de nós mesmos nela, pelas nossas percepções e pelos nossos sentidos, nosso tato, nosso corpo, nossos pés. Portanto, a paisagem urbana expressa na praça Nereu Ramos é composta também pela presença das pessoas. O conceito de identidade urbana é socialmente elaborado compartilhando as diferentes percepções dos atores sociais habitantes da cidade. A apropriação sujeito/espaço é contínua e dinâmica, é uma projeção no tempo que garante a estabilidade da identidade.

A apropriação do espaço é caracterizada como um processo e contempla as fases de identificação, personificação, sentimento de pertencimento e sentimento de defesa. Está muito ligado ao conceito de identidade de lugar. A identidade, sobre o ponto de vista cultural, é formada por meio de processos dinâmicos que determinam significados culturais e conjunto de características inter-relacionadas. A construção da identidade é realizada durante toda a vida, e está relacionada a um contexto histórico, social e a um lugar. Da mesma forma que a memória, a identidade também é construída no nível individual e no nível coletivo.

Para Lynch (2017, p. 122) a cidade é um conjunto de representações poéticas e simbólicas para uma determinada sociedade.

Deve falar dos indivíduos e da sua sociedade complicada, das suas aspirações e tradições históricas, do conjunto natural e das funções e movimentos complicados do mundo citadino. A clareza de estrutura e vivacidade de identidade são os primeiros passos para um desenvolvimento de símbolos fortes. Aparecendo como um *local* notável e bem interligado, a cidade pode constituir um espaço para a aglomeração e organização destes significados e associações. Um tal sentido de lugar reforça todas as atividades humanas aí desenvolvidas, encoraja a retenção na memória deste traço particular.

Partindo do conceito de cidade como construção histórica, Halbwachs (2006) identifica a memória urbana como uma memória coletiva de grupos, e é dentro de um contexto espacial que produzimos as lembranças coletivas. A preservação das memórias é de importância fundamental para a formação das identidades particulares quanto coletivas.

Desta forma, o processo de significação de espaços, transforma-os em lugares, tornam possível a construção da identidade urbana, e com isso, identificar os elementos espaciais de importância histórica que devem ser preservados. As identidades urbanas são formadas por elementos que representam e dão sentido a cada época desenvolvida em um determinado lugar. Portanto a preservação de sua identidade implica na preservação da cultura e história de um povo, característica importante para preservação de valores e signos de um espaço.

4 Patrimônio e memória: a contribuição da paisagem para a compreensão da identidade urbana

Ao analisar um espaço, não é suficiente somente estudar as características de sua forma urbana e de seus elementos constitutivos, necessita da percepção total do local, compreendendo os seus usos, significados e as memórias ali presentes, e que juntas constroem o seu espaço urbano. Para Magalhães (2002) o espaço urbano como característica singular de cada cidade está atrelado à união da forma do espaço com o uso da população, ou seja, a produção dos espaços e sua apropriação, variando de acordo com o tempo e cultura.

O espaço urbano é o local onde ocorrem as produções sociais, culturais e econômicas de uma determinada cidade. É produto único de uma criação coletiva, por diferentes grupos sociais que interagem e criam novas experiências, e desenvolvem processos históricos e culturais. Está sempre em processo de construção e reconstrução, e é devido este ciclo que se formam os patrimônios culturais. Ou seja, o espaço urbano é formado pelo conjunto de características e funções formado pela construção social, que se dá num determinado local ou cidade (COPATTI; OLIVEIRA, 2016).

A reunião dos elementos culturais-históricos de uma determinada cidade também é seu espaço emocional e de memória, que produzem significados próprios para cada indivíduo. O reconhecimento de símbolos instiga o sentimento de integração e de pertencimento ao lugar e acabam por estimulando a proteção dos marcos históricos pela sociedade. Os marcos históricos presentes nas cidades preservam a sua memória, “onde as construções do passado mesclam-se às inovações que, por vezes, agem avassaladoras na transformação do espaço urbano, modificando a estrutura física, os hábitos, as tradições do lugar e as interações sociais vivenciadas nele” (COPATTI; OLIVEIRA, 2016, p. 51).

A introdução de novos meios de comunicação e o avanço das tecnologias de transportes, permitiram o rápido e fácil deslocamento entre lugares, transformando o espaço em um lugar de passagem. Essa nova forma de vida transformaram as pessoas em simples seres passantes, onde a pressa e o super-carregamento de informações fazem com que os usuários não apreciem mais os espaços abertos, deixando de contemplar as praças, as árvores, ruas e enfraquecendo o vínculo entre os espaços e as pessoas (SENNETT, 2003).

Desta maneira, o espaço urbano se transforma em local de movimentação de multidões, formado por pessoas individualistas, que vivem isoladamente e carentes de relações pessoais. A construção da cidade como produto coletivo, de acordo com o seu tempo e sua forma produzem as singularidades do espaço, criado a partir de sobreposições de imagens. De acordo com Magalhães (2002, p.33) “o espaço urbano, usado, vivido, e as imagens simbólicas e a memória que a ele se associam, constituem-

se em poderoso instrumento de fortalecimento do vínculo entre cidade-cidadão, contrapondo-se à percepção de desterritorialização”.

Outra reflexão importante que devemos fazer sobre as cidades é o estudo da relação entre espaço e tempo. As cidades são formadas por espaços implantados em diferentes tempos, e criados para diversos usos e funções. A paisagem urbana é, portanto, formada por esta mescla simultânea de variados grupos sociais, vivendo em diferentes tempos, de acordo com seu uso, podendo ser de lazer ou a trabalho.

Avançando sobre o estudo das cidades, além de produzir espaços e tempos sociais, a cidade também é formada por um conjunto de imagens urbanas. A primeira imagem criada é a imagem topológica, elaborada a partir das características geográficas e paisagem física do espaço. A segunda imagem é a imagem arquitetônica, que é distinta a partir das suas construções e edificações, incluindo suas particularidades, como forma, cores e texturas. Seu conjunto leva a construção da forma urbana, e de suas características patrimoniais. A terceira imagem é a imagem de ação, originada pela percepção ao lugar, compreendendo o modo de uso que é realizado dentro dos edifícios e nos locais abertos (MAGALHÃES, 2002).

A quarta imagem, a imagem simbólica, é formada pela superposição das imagens topológicas, arquitetônicas e de ação, ou seja, é o produto da relação entre o espaço geográfico, os edifícios e seu patrimônio com a apropriação do lugar pela sua população. A quinta e última, é a imagem da memória, sendo a mais abstrata e permanente de todas as demais, podendo ser originada somente por um fragmento ou pelo todo, não necessitando ser uma representação fiel a sua origem. Portanto, para Magalhães (2002), a preservação do patrimônio de uma cidade não é somente a preservação de sua imagem topológica, mas também a conservação de suas imagens simbólicas e de memória, construídas a partir das trocas sociais e culturais.

Devemos defender uma cidade como patrimônio de nossas gerações e das gerações futuras. Entretanto, penso que o patrimônio urbano que nos exige a mais veemente defesa não é o cenário material onde vivemos, mas sim a própria vida urbana. Por assim dizer, a vida com seus conflitos, encontros, trocas, abertas a todos, e não fragmentada em guetos, alheios à convivência e à interação (MAGALHÃES, 2002, p. 34).

As imagens urbanas são formas de representar signos de uma determinada cidade. É através da análise das imagens urbanas que podemos conhecê-las. Os conjuntos de signos permitem a elaboração da cultura e da técnica.

A organização das cidades faz com que as pessoas estejam muito próximas, e inexoravelmente umas dependem das outras. Os

elementos que dão sentido à vida no urbano são os lugares onde o sujeito mora e habita, trabalha e locomove, mas, principalmente, os lugares de fruição poética resultam da montagem da realidade a partir de junções materiais (BRAUDEL, 1983¹). A cidade, na realidade, é montada a partir da cultura e da técnica (GONÇALVES, 2007, p. 53).

Portanto, a cidade é o local em que o homem vive, local onde ele se cria e se modifica. A cidade é testemunho vivo das marcas deixadas pelos sujeitos, que ao longo de sua história e transformações, constroem sua cultura social. Para Carlos (2003), a cidade pode ser compreendida como um produto social, por ser resultado do trabalho materializado. A necessidade dos usuários de realizar, de produzir, consumir, habitar, determina o modo de ocupação de uma cidade. Portanto, a cidade é produzida e consumida.

4.1 A formação de Criciúma e a Praça Nereu Ramos

Criciúma foi fundada em 1880 com a vinda de 22 famílias de imigrantes italianos, que vieram se instalar na Vila de São José de Cresciúma, território onde inicialmente viviam os índios Laklaño, Kaigangs e Guaranis (OLIVEIRA; MILIOLI, 2014).

Foram construídas inicialmente duas capelas em madeira, a Capela Santo Antônio e a capela São José construída no local onde hoje é a Casa da Cultura. Em 1899, junto à capela de São José é instalada a primeira paróquia da Igreja Matriz São José. Com a instalação da paróquia, foi definido aquele ponto como o centro da vila, e que posteriormente influenciaram toda a estrutura urbana da cidade (BALTHAZAR, 2001). A morfologia do crescimento das cidades utilizando uma praça e igreja como elemento central está relacionada ao processo de formações urbanas do Brasil Colonial.

O local em que os primeiros habitantes italianos levaram seus animais para beberem água, aonde havia uma vegetação abundante de cressiúmas ²[...]. O vínculo do nome da cidade com a praça Nereu Ramos, aponta aquele espaço como o lugar simbólico de nascimento de Criciúma. [...] A praça se constituiu como um espaço livre entre a estrada colonial de Urussanga a Araranguá e o templo da igreja católica do distrito, terminado em 1917, tendo sido efetivamente urbanizada até a década de 1930. Ao redor da praça se localizaram as famílias mais importantes do lugar. Todos esses vínculos, reais e imaginários, colocaram a Praça Nereu Ramos

1 BRAUDEL, Fernand. *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.

2 Cresciúma é uma vegetação da família das gramíneas que crescia com fartura ao local, que acabou por dar o nome à cidade.

como o coração da cidade, o espaço simbólico mais importante em relação à identidade urbana” (NASCIMENTO, 2004, p. 121).

O início da ocupação da Vila foi no local onde hoje está localizada a Praça Nereu Ramos de Criciúma, que na época era o ponto de cruzamento entre as estradas que faziam a ligação da vila com as outras colônias existentes na região. Além de ser um ponto importante de encontro, também funcionava como local de descanso e parada entre os tropeiros que por ali passavam.

A centralidade do núcleo foi o local onde começou a estruturação urbana da vila. Em 1917, o espaço urbano foi delineado, determinando a criação de um espaço público onde hoje está instalada a Praça Nereu Ramos. O espaço era inicialmente um local de pastagem, se transformando em campo de futebol, com as ruas circundando-o e formando a primeira quadra, iniciando a ocupação urbana no vilarejo. De acordo com Naspolini Filho (1995), as casas iniciais eram de arquitetura típica italiana, e caracterizavam o entorno do campo de futebol.

Em 1913 o carvão mineral foi descoberto na região de Criciúma. Para facilitar o transporte do minério, foi inaugurado em 1919 o trecho Criciúma-Tubarão da Ferrovia Teresa Cristina (EFDTC). A ferrovia ligava Criciúma até o porto de Imbituba, e transformou o carvão mineral como a principal atividade econômica do Distrito, sendo reconhecida nacionalmente como a “Capital Brasileira do Carvão”. A instalação da ferrovia e a construção da estação ferroviária no espaço central acarretaram na formação de um novo símbolo ao contexto urbano. A extração do carvão realizou mudanças importantíssimas no contexto social, econômico, histórico, urbanístico e ambiental, com transformações na paisagem regional (BALTHAZAR, 2001).

O Distrito de Criciúma emancipou-se em 4 de novembro de 1925. No ano de 1930, o então prefeito Cincinato Naspolini inicia a realização de seu sonho, que era a construção da maior praça do município de Criciúma. A praça foi nomeada para Praça Dr. Nereu Ramos em homenagem ao político catarinense Nereu de Oliveira Ramos. Em 1931 começa a ser delineado os traçados e os canteiros, estando originalmente preservados até hoje (figura 2). Na época os moradores tinham o costume de criarem animais soltos, como cavalos e gados, que invadiam e destruíam os jardins.

Era comum observar animais dividindo o espaço com as pessoas, no vão central. Esta situação trouxe problemas para a manutenção da praça. É que os animais, costumeiramente, invadiam os canteiros, prejudicando os jardins; foram colocados, então, arames nos limites do logradouro, para dificultar a entrada dos animais (AUGUSTINHO, 2007, p. 33).

Figura 2. Catedral São José



Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Na década de 1930, a Praça Nereu Ramos já simbolizava como o principal espaço urbano do município e local das trocas sociais entre os moradores. A paisagem urbana da época se transforma, em substituição das casas de estilo típico italiano para as construções em sobrados na linguagem *art déco* e eclético (figura 3). Alguns exemplares destes patrimônios culturais ainda se encontram presentes nos arredores da Praça Nereu Ramos, Praça do Congresso e Rua Henrique Laje, mas a maioria se encontra descaracterizado e alterado.

Figura 3. Rua João Pessoa - P. Nereu Ramos. Casa Londres à direita funcionava como Bar e Restaurante Gruta Baiana



Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

A indústria carbonífera trouxe transformações nas dinâmicas da sociedade criciumense. A ascensão econômica influenciou na construção de residências de alto padrão e sobrados de comércio e apartamentos na Praça Nereu Ramos e seus arredores. Segundo Nascimento (2004) o centro foi o local de moradia de pessoas da alta classe social, formadas pelos engenheiros, técnicos e administradores que trabalhavam na mineração.

A Praça Nereu Ramos também foi local para simbolizar os principais trabalhadores da história da cidade de Criciúma: os mineiros. Em 1946 foi erguido no centro da praça o monumento aos mineiros, reconhecendo o valor destes trabalhadores corajosos e guerreiros, e sua importância frente a construção e fortalecimento econômico de toda a região (NASCIMENTO, 2006). Os mineiros aposentados até hoje frequentam a praça, e a utilizam como local de convívio social, onde relembram os fatos e histórias do passado.

Adami (2015) salienta que a necessidade de trabalhadores para as indústrias carboníferas ocasionou em um grandioso e rápido crescimento populacional acarretando na vinda de grande quantidade de pessoas que não possuíam nenhuma relação e identidade com os elementos da paisagem do município de Criciúma.

A vinda de migrantes sem identificação com os elementos sociais e culturais, e a rápida transformação da cidade ocasionaram a perda dos elementos significantes construídos coletivamente pela população original criciumense, não havendo mais o sentimento de pertencimento ao local. De acordo com Adami (2015, p. 106) “quando a paisagem não apresenta significado, não há um vínculo por parte das pessoas que convivem com ela, conseqüentemente está se torna apenas o local em que se desenvolve as atividades cotidianas”.

Dentro deste contexto, a nova paisagem criada, resultado das transformações econômicas e sociais relacionadas à mineração do carvão, representou uma nova identidade e nova forma de apropriação dos migrantes. Esta falta de identidade pelos novos moradores contribuiu também na intensificação das mudanças no espaço urbano central, como a substituição dos poucos casarios existentes na Praça por sobrados da tipologia *art déco*.

Entre as décadas de 1960 e 1970 a cidade passa por uma diversificação industrial. Novas atividades produtivas foram se instalando na cidade, como as indústrias cerâmicas, de plásticos e metal-mecânicas. Neste contexto, ocorreram movimentos em detrimento à cultura do carvão, como a retirada, na década de 1970 do Monumento aos Homens do Carvão do centro da Praça, e relocado em sua lateral, no triângulo do Jardim Etelvina Luz (figura 4). A mudança do Mineiro para um pedestal menor e para um local menos valorizado representou um desprezo com o seu mais notável trabalhador e símbolo da cidade (AUGUSTINHO, 2007).

Figura 4. Monumento aos Homens do Carvão



Fonte: Acervo da Autora (2019).

Atualmente percebe-se a negação ao patrimônio cultural e aos espaços públicos centrais. O *petit pavê* pode ser considerado como parte do patrimônio histórico cultural da cidade, pois remete ao símbolo e identidade da Praça Nereu Ramos, mas atualmente encontra-se em uma situação precária, devido à falta de manutenção e cuidados tanto pelos moradores quanto pela administração municipal. Segundo Oliveira e Milioli (2014, p. 134) “a praça é o maior simbolismo da cidade, e o *petit-pavê* é o simbolismo da praça juntamente com as árvores, o conjunto arquitetônico que a circunda e pelo sentido de pertença que propõe ao usuário”.

Mesmo com tantas transformações em sua paisagem, a Praça continua sendo caracterizada como um espaço democrático de convívio de pessoas de todas as idades, credos e classes. Diariamente é possível perceber a presença habitual dos aposentados sentados nos bancos sob a sombra das árvores, descansando e conversando. Augustinho (2007, p. 110) qualifica a Praça como um local hospitaleiro, sendo o “melhor lugar para as boas relações sociais de pessoas da terceira idade. A praça central de Criciúma, com sua beleza e atmosfera, é um ótimo estimulante para o corpo, a mente e o espírito”.

5 A Praça, a memória e a sua paisagem urbana: desvelando seus processos de identidade

Por meio das observações e entrevistas realizadas, foi possível analisar os usuários da Praça Nereu Ramos mais a fundo, verificando as suas percepções em relação ao espaço urbano. Ficou claro que a Praça Nereu Ramos (figura 5) possui vários tipos

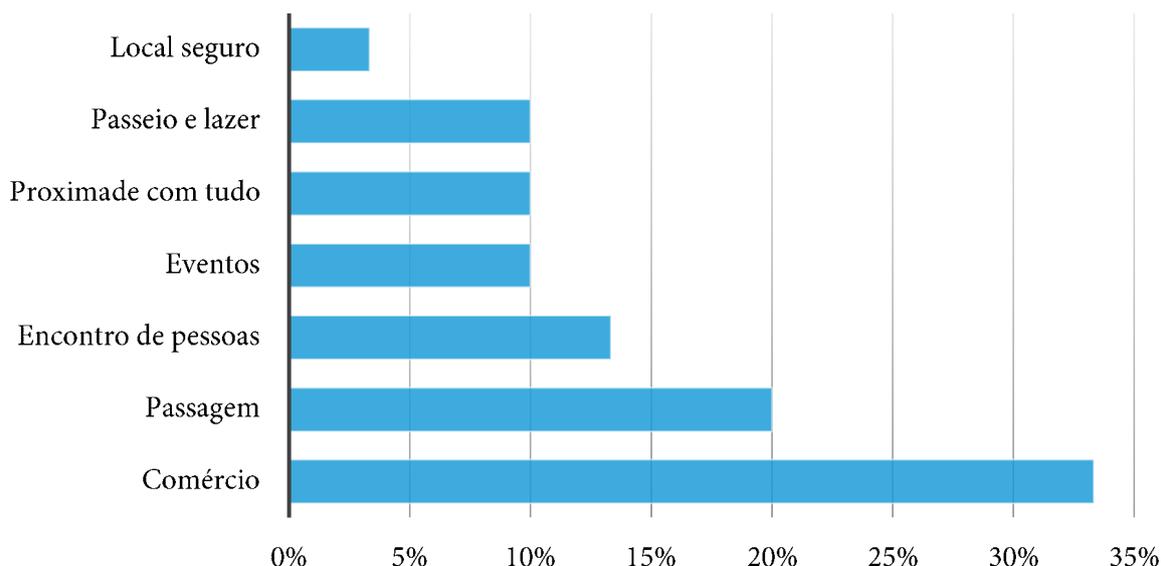
de usuários, que utilizam o espaço em diferentes horários do dia. Percebe-se que a predominância do uso comercial e de serviços na Praça e no seu entorno influencia diretamente nos fluxos e a utilização dos espaços.

Figura 5. Praça Nereu Ramos



Fonte: Acervo da autora.

Ao comentar quais as razões que motivam os usuários a utilizar a Praça (figura 6), verifica-se que a maioria dos usuários utilizam a Praça devido a sua localização privilegiada, por estar próximo das principais atividades necessárias à vida urbana. O depoimento de um usuário demonstra a importância central da Praça: “Frequento a praça por ela ser perto de tudo, venho ao centro sempre para fazer uma compra, ir ao médico, ou ao banco, e sempre paro nela para descansar e olhar o movimento”. Para Balthazar (2001, p. 11) “o centro é o espaço que permite, além das características de sua ocupação, uma coordenação das atividades urbanas, uma identificação simbólica e ordenada destas atividades”.

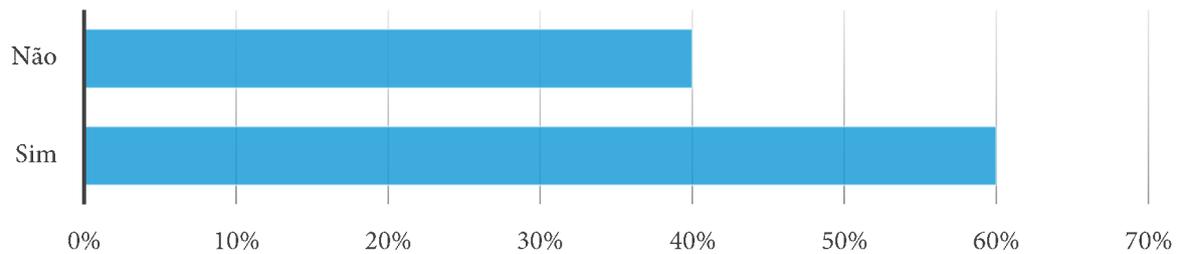
Figura 6. Motivação para utilizar a Praça

Fonte: Elaborado pela autora.

É no espaço central das cidades onde é realizado o encontro das pessoas, onde o homem é visto e apreciado. O centro como lugar de construção da memória urbana preserva a cidadania e as expressões socioeconômicas e culturais de uma sociedade. Seu conjunto espacial e social representam a centralidade, a produção de signos, experiências e expressam o núcleo articulador da vida urbana.

Nota-se que o caráter urbano da Praça justifica a segunda maior motivação para a sua utilização: como forma de passagem (20%). As outras motivações levantadas reafirmam a Praça como local para atividades de lazer e passeio (10%), e um propulsor de encontros de pessoas. Portanto é na Praça e seu entorno onde se formam as práticas sociais, a comunidade urbana, e são através das relações coletivas que os sujeitos se identificam e produzem o sentimento de pertencimento.

Nas perguntas seguintes, a maioria dos entrevistados afirmaram que se identificam, e se sentem motivados a cuidar e defender a Praça e seus elementos físicos (mobiliário urbano, vegetação) de agressores (figura 7). A identidade de lugar não foi percebida em todos os sujeitos da pesquisa, sendo que 60% compõe o conjunto dos que se identificam. Alguns participantes identificaram –se com elementos das praças e não com a praça em si compondo um lugar, outros já a identificaram como em espaço, um lugar com sentimento de pertencimento.

Figura 7. Você se identifica com a Praça?

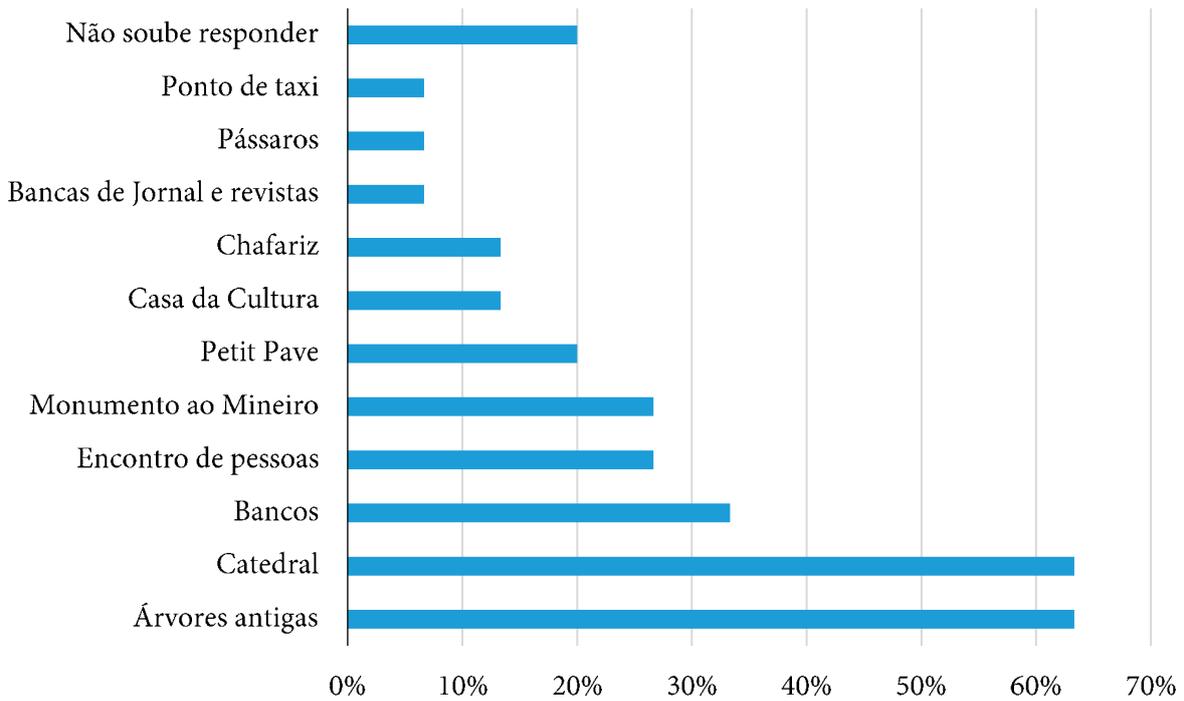
Fonte: elaborado pela autora.

A partir do relato de uma usuária, é possível perceber que ela se identifica com a Praça devido à toda a sua importância histórica e cultural que ela significa para a cidade: “sim, acho importante a preservação dos elementos que fazem parte da história da nossa praça”. Para outro entrevistado, a Praça possui um significado poético: “A praça é um local muito bonito, sempre vejo pessoas cuidando do jardim, varrendo o lixo e as folhas que caem das árvores, sinto que ela é bem cuidada”.

O reconhecimento da identidade de lugar é resultado dos processos sociais entre o sujeito e seu ambiente construído, com o seu modo de ser e de agir perante o espaço. O reconhecimento do espaço pelo sujeito implica na sua identidade, em seus significados, relacionados pelas ideias conscientes e inconscientes. A apropriação do espaço é realizada através da sua internalização como sujeito, é a construção do sentimento de possuidor, por meio de seu uso e sua identificação. “É no espaço que o sujeito vive, constrói sua existência. É nele que a humanidade produz as cidades, a cultura e a sua história” (GONÇALVES, 2007, p. 75).

As entrevistas também possuíam como objetivo compreender quais os elementos estavam presentes na memória dos usuários, solicitando aos usuários citarem os três primeiros elementos físicos e a principal edificação que se destaca na paisagem urbana da Praça Nereu Ramos (figura 8). Foi possível perceber que os dois maiores elementos físicos que se destacam na Praça é a Catedral (63,33%) e as suas grandes árvores antigas (63,33%) que fazem parte da Praça. Outros elementos bem citados pelos usuários foram os bancos dispostos na Praça (33,33%), os locais para encontro de pessoas (26,66%), e o monumento ao mineiro (26,66%).

Figura 8. Elementos físicos da Praça



Fonte: Elaborado pela autora.

Os elementos físicos de identificação mais citados pelos entrevistados foram a catedral e as árvores antigas, ambos citados por 19 dos 30 entrevistados. Registra-se que a Praça possui árvores nativas da região como um imenso guarapuvu, ipês e canteiros do capim cresciúma. O monumento ao mineiro também foi lembrado e muitas pessoas sentem que ele já esteve em um lugar de mais destaque na Praça. No imaginário dessas pessoas está tanto a natureza e as edificações, componentes importantes em um espaço público como a uma praça.

A significação pelos entrevistados é a Praça Nereu Ramos, e depois a catedral São José (figura 9). As entrevistas foram utilizadas como ferramenta para buscar o entendimento sobre o valor simbólico da Praça como espaço público, levando ao entrevistado a descrição da Praça como importância de sua memória individual e coletiva no processo de descrição de sua vida urbana. Cada sujeito é único, e percebe a Praça de modo singular. Os usuários que se identificam com a Praça, fazem dela o seu lugar antropológico, e constituem processos de identidade construídos pelos sentidos simbólicos, poéticos, históricos e antropológicos.

Figura 9: Catedral São José



Fonte: Acervo da autora (2019).

Para Lynch (2017) a identidade da pessoa com o lugar é construída por meio do objeto identificado na paisagem e seu significado. As árvores, os pássaros, o chafariz, e o petit pavê são exemplos de elementos identificados pelas pessoas e construído na sua memória individual. Segundo Halbwachs (2006) estes elementos estão apoiados nas memórias coletivas dos usuários, pois, segundo a autora, as memórias coletivas contêm memórias individuais.

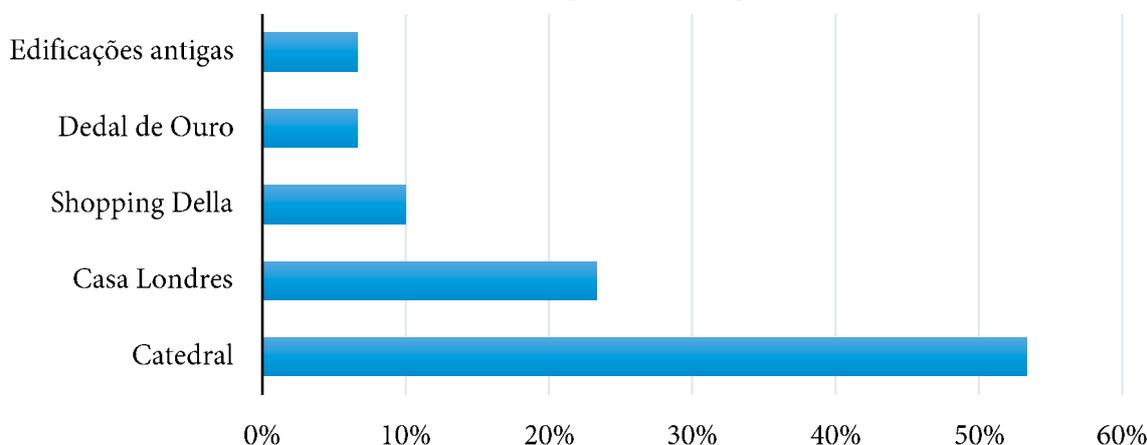
O chafariz esteve presente no miolo da Praça entre as décadas de 1970 e 1990 e também foi lembrado pelos entrevistados. Mesmo sendo retirado da Praça há aproximadamente de 30 anos, foi detectado que ele continua fazendo parte da memória dos seus usuários.

Uma das entrevistadas alega como principais elementos “os bancos do meio da praça, rodeados de árvores; o monumento do mineiro e as lajotas famosas espalhadas por toda a praça”. As lajotas citadas são os famosos petit pavê, constituídos de pedras portuguesas nas cores brancas e pretas que formam desenhos geométricos, e antigamente pavimentavam toda a praça e os seus calçadões, mas que atualmente estão presentes somente no seu miolo central.

Nota-se que as respostas apresentadas possuem elementos físicos presentes em tempos diferentes, devido a diversidade da faixa etária de cada entrevistado. Magalhães (2002, p. 100) reforça que os espaços são modificados de acordo com o tempo social de cada sujeito. “Existe o tempo longo e contínuo da sucessão linear dos acontecimentos históricos e o tempo desconectado, com diferentes ritmos, intensidades e valores que se cruzam, as temporalidades também elas produzidas e diferenciadas”. As diferentes épocas em que os entrevistados viveram e tiveram experiência com a Praça produzem temporalidades e espacialidades não integrados, por serem produzidos ritmos e atributos distintos.

Questionados sobre qual a edificação mais se destaca na paisagem da Praça Nereu Ramos (figura 10), visualiza-se que a grande maioria (53,33%) citou a Catedral São José como a edificação de maior destaque. Percebe-se que a Catedral é o elemento de mais identidade da Praça, do Centro e também para Criciúma, pois ela participa tanto da história da Praça, do bairro e da cidade. Além de sua importância histórica, a Praça também é um marco aos usuários. A catedral, para o entrevistado, “é uma edificação bonita, chama a atenção, passamos por ela seja qual for o caminho que estamos trilhando na praça”. O relato de outro usuário reforça esta afirmação: “A edificação da igreja faz parte integrante de história da praça e da cidade de Criciúma”.

Figura 10. Edificação de destaque na paisagem urbana da Praça



Fonte: Elaborada pela autora.

A Catedral São José é considerada um elemento marcante para a Praça Nereu Ramos devido a sua singularidade e monumentalidade. “A partir do momento em que uma história, um sinal ou um significado se liga a um objeto, o seu valor como elemento marcante aumenta” (LYNCH, 2017, p. 84). A Catedral é uma edificação única para a Praça, contrastando com as edificações próximas, possuindo significado sagrado e poético aos usuários, independentemente de suas religiões. Por isso, quando pensamos na Praça Nereu Ramos, logo nos vemos a cabeça a Catedral São José, sendo difícil desassociar uma da outra.

De acordo com as entrevistas, nota-se que o edifício da antiga loja Casa Londres (figura 11) foi a segunda edificação que mais se destaca na paisagem urbana da Praça (23,33%). O edifício construído em 1921 já funcionou diversas atividades comerciais, sendo o mais significativo, a loja Casa Londres, considerado um dos estabelecimentos comerciais mais tradicionais da cidade. Reconhecer a Catedral e a Casa Londres como edificações marcantes, significa dizer que os usuários reconhecem e se identificam com as edificações mais antigas presentes na Praça.

Figura 11. Edifício da antiga loja Casa Londres



Fonte: Acervo da autora (2019).

As edificações tanto como elementos da paisagem arquitetônica como pelas suas funcionalidades constroem uma memória coletiva e afetiva pois as lojas propiciaram muitas idas à Praça e convívio com as pessoas, com as vendedoras, tipos de produtos. Estas edificações acabam por ser a representação material da memória do comércio da cidade. Como foram lojas muito antigas e existem até hoje, o cliente acaba construindo um relacionamento com esses elementos da paisagem, que são as lojas, assim como a Catedral e o Shopping Della.

Mesmo após tantas transformações em sua paisagem, a população de Criciúma permanece com um grande afeto pela Praça Nereu Ramos. As diversas transformações recorrentes da história da Praça durante todos os anos, a transformaram em um simples espaço qualquer em um lugar antropológico. A Praça Nereu Ramos é o resultado da vida e das experiências da sociedade cricumense, simbolizando todas as

boas lembranças e sentimentos vividos. Portanto seu processo de construção de lugar antropológico foi possível devido ao reconhecimento e apropriação de seus usuários frente ao espaço público que é a Praça Nereu Ramos.

6 Considerações finais

O entendimento da praça como espaço público, necessitou de reflexões quanto aos conceitos de apropriação de espaço, formação de identidade de lugar, formação de lugar antropológico, relações entre sujeitos e identidade urbana, e ainda a relação entre paisagem e memória urbana. Sua perspectiva está no âmbito da transdisciplinaridade, utilizando valores e sensibilidades da psicologia ambiental, antropologia, sociologia, e conceitos técnicos da geografia, arquitetura e urbanismo.

Durante a pesquisa, foi possível reconhecer a Praça Nereu Ramos como espaço materializado de toda a história Criciumense. Foi nela onde ocorreram os principais fatos históricos da cidade, e o desenvolvimento das manifestações culturais, filosóficas e artísticas da população. As atividades e fatos que ocorriam e ainda acontecem na praça contribuíram para o desenvolvimento social atual, influenciando na forma de pensar, agir e ser de seus moradores.

As observações realizadas nas pesquisas de campo em conjunto com as entrevistas revelaram que há cidadãos que reconhecem a Praça Nereu Ramos e seu entorno como um espaço de significado extraordinário. É neste local onde se concentram as principais relações sociais, incentivando o encontro, o lazer e as trocas sociais entre pessoas. Foi possível concluir que este é o lugar mais importante da cidade, representando como o símbolo máximo da cultura e história dos moradores e da vida urbana da cidade de Criciúma.

Apesar dos resultados positivos, demonstrando que a maioria da população se identifica e se sente motivada a cuidar e defender a Praça, não podemos deixar de lado a parte negativa dos resultados. Quando questionados se os usuários se identificam com a Praça, 40% responderam de forma negativa. A dificuldade de apropriação das pessoas com os lugares, com os sentimentos e com as pessoas é uma problemática atual, advinda do individualismo urbano. Isto acaba por refletir nas relações da sociedade com o espaço urbano, devido à impessoalidade das relações sociais, a distância e isolamento entre os indivíduos, e a falta de solidariedade com o outro. Dessa forma, podemos observar que a perda dos valores de comunidade e dos laços de vizinhança, resultam na falta do sentimento de afinidade destas pessoas com a Praça Nereu Ramos, o que acaba por impedir que estas se envolvam e se responsabilizem por ela.

Pode-se concluir também que a paisagem urbana está em constante transformação, sendo constituída por elementos novos e antigos, realizados por processos de construção e reconstrução. O desejo de progresso da população acarretou na perda das marcas dos

imigrantes iniciais, das primeiras formas de comércio agropastoril, de toda à cultura do carvão, da eliminação e esquecimento do rio Criciúma, da diversificação industrial, ou seja, de todas as marcas da história cricumense.

Almeja-se que essa pesquisa possa contribuir para os estudos relacionados à paisagem urbana da Praça Nereu Ramos. A falta de conhecimento da população pela própria história pode ser recuperada pela educação patrimonial. A educação patrimonial pode ajudar no reconhecimento do valor da preservação do bem cultural, dos seus espaços públicos, marcos, monumentos e arquiteturas, incentivando a população a interagir com a sua história, identificando os seus símbolos e identidades. Será somente através da educação e consciência que a população reconhecerá a relevância do patrimônio cultural, e aí sim poderá protegê-lo.

Referências Bibliográficas

- ADAMI, Rose Maria. *Rio Criciúma: o rio que a cidade escondeu: significados e representações na paisagem*. Criciúma, SC: UNESC, 2015.
- AUGUSTINHO, Aguinaldo. *Praça Nereu Ramos: o coração de Criciúma*. Florianópolis: Ed. Samec, 2007.
- BALTHAZAR, Luiz Fernando. *Criciúma – Memória e Vida Urbana*. 2001. Dissertação de Mestrado em Geografia, área de concentração em Desenvolvimento Regional e Urbano. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2001.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979. 229 p.
- BONFIM, Zulmira Áurea da Cruz; DALABRIDA, Zenith Nara Costa; FERREIRA, Karla Patrícia Martins. Emoções e Afetividade Ambiental. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice. (Orgs). *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa – ambiente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- CARLOS, Ana Fani. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 2003.
- COPATTI, Carina; OLIVEIRA Tarcísio Dorn de. A leitura do espaço urbano: interações entre patrimônio, memória e turismo cultural. *Revista de Arquitetura IMED*, p. 48-58, jan./jun. 2016.
- GONÇALVES, Teresinha Maria. *Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- GONÇALVES, Teresinha Maria. O Trabalho Interdisciplinar na Educação Ambiental- Reflexão sobre a prática docente. *RevBEA*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 41-49, 2019.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 2017.
- MAGALHÃES, Sérgio. *Sobre a cidade: habitação e democracia no Rio de Janeiro*. São Paulo: Pró Editores Associados, 2002.
- NASCIMENTO, Dorval do. *As curvas do trem: a presença da Estrada de Ferro do Sul de Santa Catarina (1880-1975) cidade, modernidade e vida urbana*. Criciúma: UNESC, 2004.
- NASPOLINI FILHO, Archimedes. *Criciúma 70 anos – 1925-1995*. Criciúma: Editora do autor, 1995.
- OLIVEIRA, Izes Regina de; MILIOLI, Geraldo. *Sustentabilidade Urbana & ecossistema: relações entre a sociedade, o desenvolvimento e o meio ambiente nos municípios*. Curitiba: Juruá, 2014.
- POL, Eric. La apropiación del espacio. In: ÍÑIGUEZ, L.; POL, E. (orgs.), *Cognición, representación y apropiación del espacio*. Colección Monografies Psico-Socio-Ambientals, v. 9, p. 45-62. Barcelona: Publications de la Unmiversitat de Barcelona, 1996.
- SANSOT, Pierre. *Notes sur concepto d' appropriation*. Dans Korosec-Serfaty, 1976.
- SENNETT, R. *Carne e Pedra*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.